

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

- 5
1. Modalidade: Língua Escrita.
 2. Tipo de Texto: Editorial
 3. Assunto: Editorial que trata de um balanço do jornal sobre o ano que se encerra.
 4. Data do documento: 30 de dezembro de 1840.
105. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
 7. Identificação do autor: autoria não indicada
 8. Número de palavras: 830
159. Informações Levantadas: Editorial do Diario de Pernambuco nº 282, p. 1, 1ª e 2ª colunas.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 18.)
- 20

DIARIO DE PERNAMBUCO

25 Quando o anno passado encerramos, co-|mo hoje os nossos trabalhos typographicos, lisongeiras esperanças nos animavão de que | o decimo nono anno da nossa independencia | seria mais feliz do que o decimo oitavo, em | que então fallavamos; mas quanto nos en-| ganamos! Os nossos negocios politicos tem | conservado o mesmo aspecto; para dizermos | melhor, novos males nos tem aparecido, | sem que vejamos curado nenhum daquelles, | que

30então lamentavamos. Maranhão ainda se | não acha de todo quieto; o Rio-Grande ain-|da luta, e lutará (queirão os Ceos, que erremos) na ensanguentada arena; o Cea-|rá, que o anno passado se contentava de fa-|zer contra o Presidente guerra de palavras, hoje já vê os partidos lançarem mão das ar-|mas para se destruirerem; e assim a Constituição vacila no meio dos embates da ambição e | do odio, a pezar da felicidade, que conta-|mos por ter *Sua*

35*Majestade Imperial* assumido as redeas do | governo deste imperio: mas essas duas ini-| migas de nossa publica tranquillidade, iguaes | a negras, e apanhadas nuvens nos encobrem | os raios, que nos offerece a aurora desse dia | feliz. || Parece que acintemente se pretende, que | baquei o nosso edificio politico, pois se aluem | os seus mais fortes esteios. As Eleições tem | sido, quase em todas as freguesias desta, e | d'outras Provincias, de que

40temos noticias, | disturbadas, se não illegaes e mullas; che-|gando o poder da cababa a tanto, que se-|gundo nos consta a mesa d'uma das fregue-|zias desta provincia passou os dephomas ad | libitum por se ter roubado a urna. || Por toda a parte temos visto as armas que tem | parte o cidadão, e não o soldado. A líber-|dade tão necessaria em taes actos, com o es-|trondo das armas, tem fugidoa accultar-se | no ceio do Eterno, d'onde ella nos foi

45dada. | Quando a lei manda, que os cidadãos se a-|presentem nestas assembléas sem armas é quando as nossas tropas marchão para ellas | em forma, como para assisitir ao funeral de

| nossa liberdade. Quando a nação constitue | uma classe tão distincta, e nobre, qual a |
dos deffensores da patria, por ventura é pa-|ra que estes assassinem as suas instituições? |
Quexamo-nos do regulamento do Conde de | Lipe. Mas quão liberal não é elle a vista do |
50que hoje se pratica! Ali não se encontra ar-|tigo algum, onde se ordene, que o superior |
castigue ao soldado, por não querer votar | pela lista de seu commandante. O quererem | os
senhores militares ter toda a influencia nas | Eleições é um erro, que vem ferir de morte | as
nossas liberdades. Deixem os nobres mi-|litares esse partidos, essas cabalas para o | povo,
pois entre elle se não faz ella tão peri-|gosa, porque o povo lança mão de meios pa-|cíficos,
55da amizade, da persuazão, das ro-|gativas, e tudo isto tem um resultado incer-|to; mas
quem se não curvará ao aspecto da tropa armada (como em algumas freguezias) | ou ainda
mesmo desarmada? A força é a | primeira lei nos paizes onde não existe li-|berdade, ou se
existe é uma liberdade chi-|merica. As tropas forão creadas para man-|ter, mas não para
perturbar a paz, e a | tranqüillidade publica. || A vista pois de Scenas tão revoltantes pode-|
60mos lamentar a não realidade de nossas espe-|ranças, e mesmo temer um porvir ainda |
mais medonho, e pavoroso se nos não u-|nirmos, se todos nós não tivermos um fim | unico,
'a liberdade' esse bem apreciavel, que só poderemos alcançar por meio da ex-|cução das
leis. Que vale termos uma cons-|tituição, se não observamosos seus artigos? Que aproveita
termos leis escriptas, se a lei | é a vontade do mais experto, ou do mais po-|deroso? Que
65podemos novamente esperar | daquelles, que houverem de ser eleitos de-|putados contra a
desposição da lei? Nada | de bom certamente; e assim iremos cami-|nhando de erro em
erro, até que, segundo | a natureza das cousas, venha uma nova re-|volução pôr fim a
tantos males então ai da-|quelles que forem julgados reos! || Mas ainda estamos em tempo
de remediar | tantos males; sacrificuemos os nossos inte-|resses particulares sobre o altar
70da patria; os empregos sublimes de deputado não são pa-|trimonio de ninguem, elles só
devem caber em partilha aos sabios e virtuosos, e destes | com preferencia áquelles que
menos pres-|surosos se mostrarem em procural-os. Te-|mos ouvido a alguns homens dizer,
que não | tem natureza para a agricultura, a outros, | que lhes falta o talento para a musica,
ou | para qualquer arte liberal: ha homens, que se conhcem incapazes d'aprender as scien-|
75cias; mas para ser deputado, quem se não o 'achará digno? || É dahi, sim é dessa ambiciosa
presump-|ção, que, conta de sua nascente, nos de-|correm tantos, e tão desastrados males,
que | desejamos ver acabados para felicidade de to-|dos os Brasileiros a quem desejamos
uma | perenne fruição de bens, e prosperidades.

